

LEANDRO GOMES DE BARROS

LAMENTAÇÕES DO JOAZEIRO

O Cachorro dos Mortos



0 0 0 0  
VOLUME 5

A' VENDA

34—Rua do Alecrim 34

RECIFE





-O- LEANDRO GOMES DE BARROS -O-

## LAMENTAÇÕES DO JOAZEIRO

0-0-0-0

Santo Deus do infinito  
Tende de nós piedade !  
Lançai para um povo afflicto,  
Um olhar de caridade !  
Teu braço potente e santo  
Aliviava este pranto  
Aplacaria estas lastimas,  
Desse céu em que abitas  
Soccorrei almas afflitas  
N'um oceano de lagrimas.

Pergunto a chuva e ao vento  
Ao sol ao mar e a terra,  
Aos astros do firmamento  
Porque se deu esta guerra ?  
O vento diz ; eu não sei  
O sol diz : eu indaguei  
Do ar e de um nevoeiro  
Responde a chuva, nem eu,  
Conhesso porque se deu  
A questão do Joazeiro.

— 3 —

3

Pergunto aos rios e as fontes  
Aos vales e aos rochedos  
Pergunto aos campos e aos montes  
As aves e os arvorêdos,  
Pergunto as noites escuras  
Interrogo as sepulturas  
Ao anno, ao dia e ao mez  
Hora minuto e sigundo  
Ao grande e ao vagabundo  
O padre Cicero o que fez?

O grande diz que não sabe  
O vagabundo tambem  
O campo diz que não cabe  
As virtudes que elle tem  
Diz o monte que o adota  
O val diz que n'elle nota  
Superior qualidade  
Desde o incepto ao mamifero  
Encontram no padre Cicero  
Uma grande utilidade

Que crime á de cometer  
Um pobre velho pastor?  
Que apenas cumpre o dever  
Da ordem superior



Porque é tão perseguido?  
Vive hoje coagido  
Como o mais vil quadrilheiro?  
Seu crime foi um exemplo  
Quando deu comesso a um templo  
Que existe no Joazeiro

Oh! Deus lançai sobre a terra  
A tua misericórdia  
Mandai em vez d'uma guerra  
Haja amor paz e concórdia  
Pois me parese que o pobre  
Pertence igualmente ao nobre  
A este mundo onde mora  
Não é teu o mundo todo?  
Fisestes tudo do lodo  
Como despresa um agora?

O que foi que obrastes tú?  
Com Daniel na prisão?  
Um anjo por Abacú  
Mandou levar-lhe agua e pão  
Susana a esposa honrada  
Foi falsamente acusada  
Mas por vós foi socorrida  
Vosso prophéta chegou

Sua innocencia provou  
Não foi salva sua vida?  
Job ó vosso servo amado.  
Satanaz o perseguiu  
Ficou leproso e chagado  
Não se rendeu resestiu  
Trez mancebos que iam serem  
Postos no fogo a arderem  
Não tiveram protecção?  
Isaac ia morrer  
Vos mandastes o defender  
Das mãos de seu pae Abrahão.

Ora! Tú desses ouvido,  
A Isaac e a Noé  
Porque fazes esquecido  
Um mensageiro da fé?  
Franco Rabello é um ente  
Grande sabio inteligente  
A ti elle atenderá  
Diz pacifique-se a terra  
Secem os horrores da guerra,  
Haja paz em Ceará.

Porque logo que tú digas  
A essa grande entidade,

Secem as grandes intrigas  
Faça a paz, e amizade  
O governo Cearence.  
Com seratesa se convence  
E sejará esta guerra  
Ficam livres nossos portos,  
Não se verá tantos mortos  
Nem tanto sangue na terra.

Como agora nesse jogo  
De 23 de Janeiro  
Que as ruas ficaram em fogo.  
O sangue enchia um ribeiro  
Do cume das cordilheiras  
Desparavam canhoneiras  
Com uma explosão tamanha  
Uma d'aquellas expludia,  
E seu estampido enchia  
Desde a campina a montanha

Desoito horas brigaram  
Ambas partes resistindo  
Os revoltosos avansaram  
A policia foi sahindo  
A armas brancas teniam  
Sem piedade feriam.

O crimprime e o inocente  
Os cães na rua lambiam  
Em quanto os porcos bebiam  
Nas ruas sangue de gente

Santo Deus tem compaixão,  
De um pobre povo que chora  
Sem a tua protecção,  
Acaba-se tudo agora  
Mandai da eternidade  
Soccorrei com brevidade  
Esse povo forasteiro,  
Por vossa misericordia,  
Abranjai com a concordia  
Esse infeliz Joazeiro.

FIM



## O Cachorro dos Mortos

0-0-0-0

Disse o velho este cachorro  
Fez uma coisa esquesita  
Tinha uma cobra enroscada,  
Onde mataram Anjelita  
Elle espedaçou-a a dentes  
Quasi que se precipita.

Elle quando chega aqui  
Aos pés das cruces se lança  
Solta uns uivos muitos tristes  
Como quem pede vingança  
Como quem pede de balde  
Sem ter d'aquillo esperança

Nisso chega um cavalheiro  
Valdevino de Amorim,  
Andava fora inda vinha  
Ver se alcançava o festim  
Viuha n'um burro poçante  
Alvo da côr de jasmim.

— 9 —

Assim que o cachorro viu  
Valdevino se apeiar  
Rosnou e partiu a elle  
Querendo o estraçalhar  
Só não rasgou-lhe a garganta  
Devido ao velho o pegar.

Tremia o queicho e babava,  
Fitando alli Valdevino  
Uivava como quem já  
Tinha perdido o destino,  
Só faltava era dizer  
Eis aqui o assassino.

E foi para o pé da cruz  
Alli pegou a uivar  
Fitava os olhos no céu  
Como quem quer suplicar  
Como quem ia dizeer: oh! Deus  
Vem tú, que eu não sei falar.

Disse o bispo a Valdevino  
O senhor está descuberto.  
O senhor foi o autor  
Das mortes desse deserto  
Aquelle cachorro deu  
Um depoimento serto.

O monstro viu o perigo  
Fez tudo para negar  
O bispo disse meu filho  
Não ha mentira em olhar  
Os olhos são verdadeiros  
Nada podem occultar

Os olhos tambem se que chamam  
Um olhar diz o que sente,  
Amiaçam uma traição  
Punição severamente,  
Declara a magua ou a dor  
Porem um olhar não mente,

Um olhar d'aquelle cão  
Está demonstrando a dor  
O sentimento profundo  
Da morte de seu senhor  
Elle só falta falar,  
E apontar o matador

N'aquillo duas creanças  
Que estavam em brincadeira  
Uma della se trepou,  
Num galho da gamilheira  
Tirando um ninho de rato  
Achou n'elle uma carteira.

Se o primeiro volume  
Dessa historia o leitor leu  
Veja na vespera do crime,  
O que foi que elle escreveu,  
Depois de matar os trez  
A carteira que perdeu.

Alli trouxeram a carteira  
Entregaram ao General,  
O bispo disse: senhor,  
O que eu lhe disse afinal  
Eu não lhe disse que os olhos  
Só dizem o que for real

Elle alli descubriu tudo  
Em sua interrogação.  
Calar alli demonstrou  
Ter grande satisfação  
Gulava um metro da altura  
E rolava pelo chão,

Corria escaramuçando,  
Como quem estava em delicia,  
Abraçou o General,  
E o chefe de policia  
Como quem dizia n'esses  
Foi que encontrei caricia



O povo todo da festa  
Partia para o linchar  
O bispo e o presidente  
Trataram de acomodar,  
Garantindo que a justiça  
Havia de o castigar.

Sahiu prezo o Valdevino  
E calar acompanhou-o  
O velho Pedro chamando  
Mas elle nem escutou-o  
Voltou quando ao Valdevino  
Prezo nos ferros deixou-o

O General ao sahir  
Ordenou ao conzinheiro,  
Que desse ao velho calar  
Um bom lombo de carneiro,  
Porque mericia mais  
Aquelle bom companheiro.

O criado deu o lombo  
Calar nem para elle olhou  
Sahiu o povo da festa  
E o lombo lá ficou,  
O cachorro veio comel-o,  
A noite quando voltou,

A mulher de Elisario  
Sabendo o que aconteceu  
Deu-lhe um ataque tão forte  
Que eila no chão se estendeu  
Passou a noite sem falla  
No outro dia morreu

Jovenal um hespanhol  
Parente de Elisario  
Chegando lá disse ao velho  
Você é milionario  
Compre quatro ou cinco medicos  
Que provem; que elle está vario

Porque elle estando louco  
Não pode ser condenado  
O processo fica invalido  
Não poderá ser julgado  
Ahi o senhor procura  
O melhor advogado

Elisario pençou  
Aquillo ser acertado  
Ao contrario Valdevino  
la ser executado.  
E tinha toda sertesza  
Elle morrer enforcado



Derigiu-se a capital  
Procurou advogado,  
Esse arrumou cinco medicos  
Foi o réo examinado  
Que provaram a quatro annos  
Elle ja ser treslocado,

O bispo e o prezidente  
Consultaram ao General.  
Mandarem vêr quatro medicos  
No reino de Portugal,  
E fazerem na Bahia  
Uma junta especial.

Mandaram de Portugal  
Vêr trez medicos escolhidos,  
Que por dinheiro sem conta  
Não seriam illudidos  
Diziam que seus caracteres,  
Jamais seriam vendidos.

E examinando o réo  
Cada medico de per si,  
Todos disseram que nunca  
Houve tal loucura alli  
Nem se quer nervoso havia  
Todos juraram ahi.

Fiseram novo processo  
Depois d'elle examinado.  
Depois de prompto o processo  
Valdivino foi julgado.  
A sentença que pegou  
Foi para ser enforcado

Não havia mais recourse  
Estava tudo consumado,  
O réo dalli a trez dias  
la ser executado,  
Não tinha mais que apelar  
Ja tinha sido julgado

O velho quasi em delirio  
Sem nada mais conseguir,  
Tentou o ultimo meio  
Afim do filho fugir,  
Mas sò dos degraus da forca,  
fodia se escapulir.

Então soube que o carrasco  
Era um tal de Zefirino,  
Um calibre mais ou menos  
Igual ao de Valdevino  
Tinha os tres dons da desgraça  
Cobarde, vil e assassino.



Era um mulato laranja  
De um aspecto aborrecido  
O côro da testa d'elle  
Sempre se via franzido  
Os cabellos bem vermelhos  
O rosto um pouco comprido

Foi o velho Elisiario  
A esse tal Zefirino  
Ver se elle podia dar  
Evasão a Valdevino  
Disse: elle pula da forca  
E depois toma destino

Pegue dez contos de reis  
Que lhe dou adiantado  
E se tiver a furtuna  
Elle não ser enforcado  
Darle-hei mais vinte contos  
O dinheiro está guardado

Então disse o Zefirino  
Isso é difficil arranjar  
Porem quando elle subir  
Eu finjo me descuidar  
Elle que vai previnido  
Trata logo de saltar.

(continua no Livro 123  
pág. dact. n.º 122)



604-1

## AGENTES:

Parahyba (Capital) — Chagas Baptista,  
Irmão

Alagoa Grande — Delfino Costa

Guarabyra — A. Baptista Guedes

Em Rio Branco — Manoel Vianna

Em Manaus — Benjamin Cardozo

Em Caruarú — João de Barros

Em Pesqueira — José Liberal

Em Pombal (Parahiba) — Camillo X.  
de Farias.

Em Sta Luzia. — Parahyba

José Nunes Figuerêdo.

Em nossa biblioteca particular encontra-se sempre vinte e tantas, qualidades de folhetos deste autor.

Remete-se pelo correio mediante a importancia qualquer quantidade, para qualquer Estado.

O autor reserva o direito de  
propriedade.